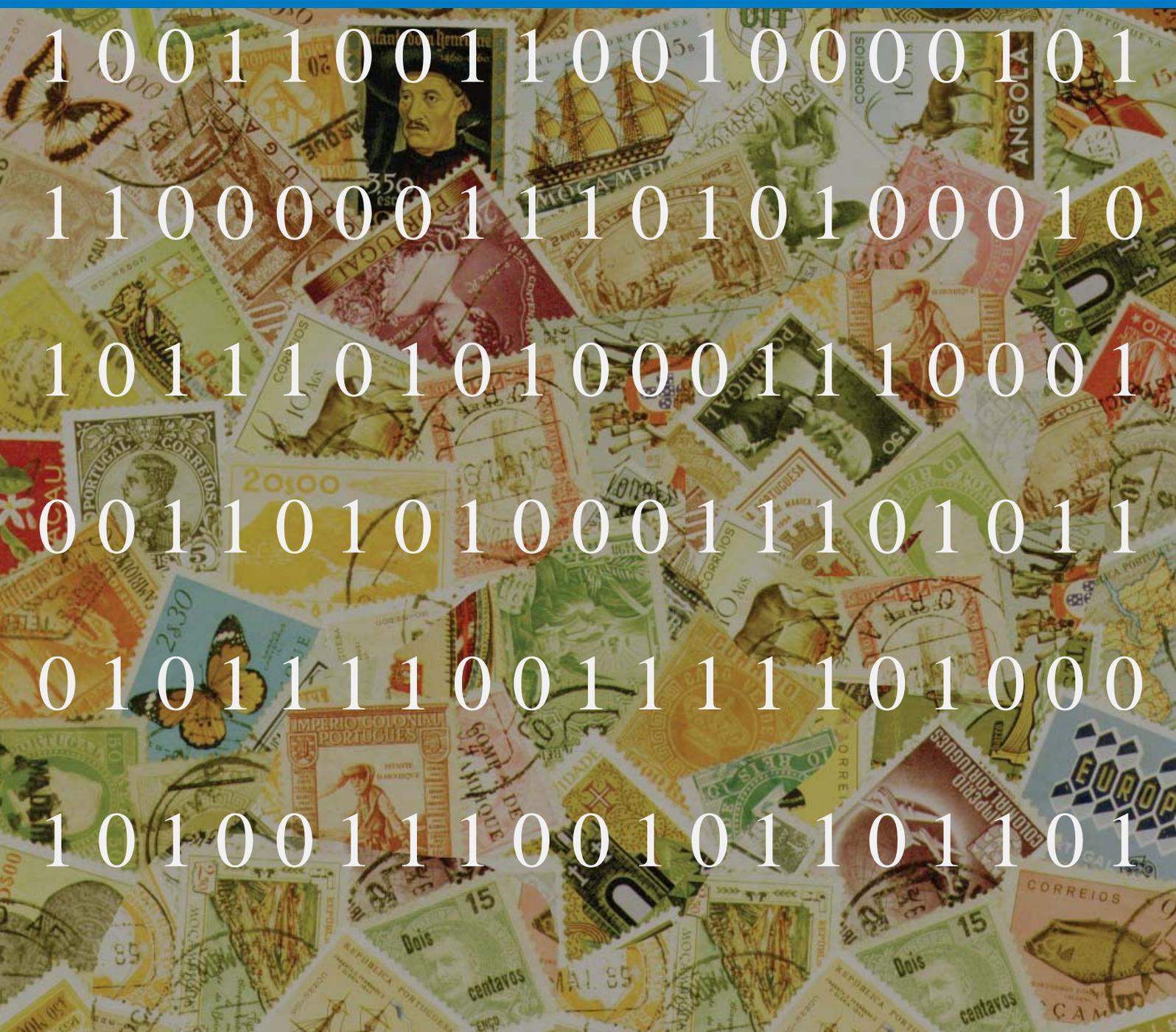


# Selos de Portugal

Álbum I

(1853/1910)

Carlos Kullberg



**Autor:** Carlos Kullberg

**Título:** Selos de Portugal - Álbum I (1853 / 1910)

**Editor:** Edições Húmus Lda

**Colecção:** Biblioteca Electrónica de Filatelia (e-B)

**Director de Colecção:** Carlos Pimenta (pimenta@fep.up.pt)

**Edição:** 2ª - R2 (Mar. 2006) [1ª edição realizada pelo Clube Nacional de Filatelia]

**Composição:** Papelmunde Lda.; Vila Nova de Famalicão (colaboração de Adélia Magalhães)

**ISBN:** 972-99163-4-9

**Localização:** <http://www.filatelicamente.online.pt>

<http://www.caleida.pt/filatelia>

**Preço:** gratuito na edição electrónica, acesso por *download*

**Solicitação ao leitor:** Transmita-nos (pimenta@fep.up.pt) a sua opinião sobre este livro electrónico e sobre a Biblioteca Electrónica de Filatelia.

© **Edições Húmus Lda**

É permitida a cópia deste e-livro, sem qualquer modificação, para utilização individual. Não é permitida qualquer utilização comercial. Não é permitida a sua disponibilização através de rede electrónica ou qualquer forma de partilha electrónica.

A reprodução de partes do seu conteúdo é permitida exclusivamente em documentos científicos e filatélicos, com indicação expressa da fonte.

Em caso de dúvida ou pedido de autorização contactar directamente o director de colecção.

## Introdução

### Álbum “Enciclopédico e Histórico” de Selos de Portugal

A Federação Internacional de Filatelia (FIP) determina regras para a apresentação dos diversos tipos de colecções de selos postais, para que as mesmas possam integrar exposições sob o seu patrocínio.

Se é certo que as regras impostas fazem com que as colecções se apresentem nos mesmos parâmetros facilitando a sua apreciação e no caso das exposições competitivas a sua classificação, é também certo que muitas vezes elas não são montadas a nosso gosto e imaginação.

O principal objectivo do meu empenho pelo coleccionismo de selos não é, de forma alguma, a competição mas sim o prazer e a voluntariedade pela pesquisa e estudo, ao longo dos anos.

Ao folhear os meus álbuns sempre encontrei particularidades fornecidas por esta ou aquela peça e ao admirar cada um dos selos avaliando o interesse filatélico dos mesmos e o pormenor das suas imagens, informações que reporte de grande interesse, pensei na possibilidade de conseguir um álbum com os necessários textos filatélicos explicativos (desenhador, gravador, fonte de inspiração, impressão e impressores, quantidades, taxas, cores, papeis, denteados) e textos didácticos (biografias, histórias, descrições, factos) respeitantes a cada selo ou emissão, nascendo assim a ideia do “Álbum Enciclopédico e Histórico”, que melhor me faz conhecer os selos apresentados e compreender as suas gravuras.

Iniciei o trabalho na década de sessenta e passados anos fiquei satisfeito não só por ter conseguido o meu objectivo, como ainda por verificar que até então nunca alguém, julgo, tenha feito um álbum com estas características.

Para exemplos de curiosidades vividas, no trabalho “Histórico” recorro as dificuldades surgidas com a figura de “Joana de Gouveia” (Primeira Emissão Comemorativa da Independência de Portugal – 1926) , imagem que me fez lembrar a “Padeira de Aljubarrota” mas cujo nome não consegui encontrar em qualquer das diversas Enciclopédias e Histórias de Portugal consultadas ! A “Sociedade Histórica da Independência de Portugal”, promotora das séries “Independência – 1926/27/28” igualmente ignorava a origem do nome e os Correios de Portugal, por intermédio do seu Consultor Artístico, endereçaram o meu pedido de esclarecimento a um Senhor Padre que, esse sim, simpaticamente fez um pouco de luz sobre a personagem; no trabalho “Filatélico” foi interessante conseguir a descrição da gravura apresentada na série comemorativa do “Ano Mundial do Refugiado – 1960”, selos conhecidos pelos “selos da força” mas cuja gravura, realmente muito semelhante a uma forca, representa “uma porta com o símbolo das Nações Unidas (árvore arrancada da terra), abrindo-se para a PAZ”...

Muitas outras curiosas dificuldades surgiram, mas sempre as mesmas foram pacientemente ultrapassadas.

Quando se trabalha por prazer o trabalho não cansa e quando se admite termos feito algo que julgamos de valor, sentimo-nos recompensados.

Sintra, Abril de 2003

## Curriculum Filatélico do Autor



### **ACTIVIDADE ASSOCIATIVA E ORGANIZADORA**

Foi sócio do Clube Filatélico e Numismático de Moçambique de 1964 a 1976, data da sua extinção, onde presidiu à Direcção nos anos de 1965 e 1966, ao Conselho Fiscal em 1966 e 1967 e novamente à Direcção de 1970 até à sua extinção.

A partir de 1965 desempenhou as funções de coordenador do Boletim do Clube Filatélico de Moçambique. Foi o Presidente da Comissão Organizadora da Exposição Filatélica e Numismática "Lourenço Marques 70".

Desempenhou o cargo de Vice-Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia durante o ano de 1980.

Foi Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia de 1980 a 1987, quatro mandatos consecutivos, período no qual foi determinante a reorganização de toda a estrutura federativa, a sua instalação em sede própria e o reconhecimento pelo Conselho de Ministros como "Pessoa Colectiva de Utilidade Pública".

É Jurado do Quadro da Federação Portuguesa de Filatelia, para "Filatelia Tradicional".

Foi Director da revista "Filatelia Lusitana", Órgão Oficial da Federação Portuguesa de Filatelia, entre 1981 e 1987.

Foi um dos fundadores da Secção Filatélica da Associação dos Bombeiros Voluntários de Sintra (Núcleo Filatélico dos Bombeiros Voluntários de Sintra).

Foi um dos criadores da revista "A Filatelia", do N. F. B. V. Sintra.

Colaborou na organização de todos os Salões Filatélicos realizados em Sintra, alguns dos quais anteriores à própria fundação da Secção Filatélica dos Bombeiros Voluntários de Sintra.

Organizou os Salões Comemorativos do CENTENÁRIO DO SELO DE MACAU, realizados em Lisboa, Porto e Macau em 1984.

Presidiu ao CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE FILATELIA, realizado em Lisboa, por ocasião da exposição "Lubrapex-84".

Participou nos Congressos Internacionais de Filatelia, realizados no Rio de Janeiro por ocasião da Exposição Internacional “Brasiliana-83”, e em Roma por ocasião da Exposição Internacional “Itália-86”, em representação da Federação Portuguesa de Filatelia  
Foi Membro da Comissão Organizadora do Salão Internacional de Filatelia “Europex-86”, realizado em Lisboa.

## **PUBLICAÇÕES E ACTIVIDADES DE DIVULGAÇÃO**

É autor de vários artigos, estudos e crónicas de carácter filatélico, publicados em diversos jornais e revistas da especialidade, portuguesas e brasileiras.

A partir de Março de 1965, manteve com regularidade uma coluna filatélica no Boletim do Clube Filatélico de Moçambique, denominada “Sabia...”.

Foi, desde 1966, o responsável pela crónica filatélica “Notícias de Moçambique”, publicada regularmente no jornal Notícias Filatélico, de Coimbra.

Foi o responsável pela coluna filatélica “Sabia...”, publicada com regularidade pelo jornal Notícias Filatélico, a partir de 1966.

Proferiu, em Março de 1966, uma palestra intitulada “Filatelia e Juventude” na Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque, em Lourenço Marques, integrada num ciclo organizado pelo Clube Filatélico e Numismático de Moçambique.

Mantém uma coluna filatélica “Sabia...”, publicada com regularidade na revista “A Filatelia”, desde 1985.

Mantém com regularidade uma coluna “Erros & Defeitos” na revista “A Filatelia”, desde 1986. Foi o responsável pela coluna filatélica, quinzenal, do jornal “O Século”, nos anos de 1986/87.

É o responsável por uma página filatélica no “Jornal de Sintra”.

É o autor do “Album de Selos Enciclopédico e Histórico” lançado pelas Edições ITAU em 1977, que obteve, entre outras, uma medalha de prata dourada na Classe de Literatura da Exposição Filatélica Luso-Brasileira “Lubrapex-80”.

Foi o autor e apresentador do Programa “FILATELIA PARA TODOS”, em 22 episódios com a duração de 20 minutos cada, difundido pela Rádio Televisão Portuguesa em 1980/81 e retransmitido em 2006 e em 2007.

Por convite dos CTT de Portugal, foi o autor do texto da Pagela de apresentação, referente aos selos da emissão “Lubrapex-84”.

É o autor do livro “A Fauna em Selos”, editado pelas Edições Latinas em 1987.

É Consultor Filatélico das Colecções Philae, tendo seleccionado os selos e elaborado os textos de apresentação dos 36 selos reproduzidos em prata, na colecção artística “Selos Famosos do Mundo” apresentados em 1987, dos 51 selos em prata da colecção artística “História de Portugal”, igualmente da responsabilidade das Colecções Philae, em associação com a Caixa Geral de Depósitos apresentados em 1995, e dos 16 selos em ouro da colecção “A Idade do Ouro da Filatelia” apresentados em 2000.

Foi o “Consultor” e principal colaborador da Empresa “A2Z Multimédia” para a feitura do CD-ROM “Selos de Portugal - 1853 - 1997”, primeiro CD-ROM sobre selos de Portugal que foi lançado por ocasião da Exposição Filatélica Internacional PORTUGAL-98.

Foi o responsável pela feitura dos conteúdos destinados a um site do portal da Telecel na Internet dedicado a “coleccionismo”, em 2000.

Foi, a convite do Serviço Nacional de Bombeiros e da Liga dos Bombeiros Portugueses, colaborador na elaboração da edição monumental do livro “BOMBEIROS PORTUGUESES - Seis Séculos de História 1395-1995”, apresentando o capítulo “Os Bombeiros Portugueses na Filatelia” (14 páginas de texto com ilustrações a cores).

## **COLECÇÕES E PRINCIPAIS CLASSIFICAÇÕES OBTIDAS**

Possui uma colecção completa de Portugal, praticamente completa de todas as Ex-Colónias, uma colecção especializada de Moçambique, uma colecção muito avançada de todos os Territórios Africanos, desde

os primeiros selos até ao ano de 1976, uma colecção da temática “Centenário do Selo” elaborada para a apresentação em Macau quando do Centenário do Selo de Macau., uma colecção de “Erros, Defeitos e Falsificações”, uma colecção da temática “Pintura” e uma colecção da temática “Telecomunicações”, entre outras.

Algumas das principais classificações obtidas pelas suas colecções, em exposições Nacionais ou internacionais, foram :

Exposição Filatélica e Numismática de Moçambique (40º Aniversário da Revolução Nacional, Lourenço Marques, 1966 - MEDALHA DE OURO.

Lourenço Marques-70 Exposição Filatélica e Numismática, Lourenço Marques, 1970 - GRANDE PRÉMIO e MEDALHA DE OURO.

Lubrapex-80 - VIII Exposição Filatélica Luso-Brasileira, Lisboa 1980 - MEDALHA DE VERMEIL GRANDE.

Évora-82 - XII Exposição Filatélica Nacional, Évora, 1982 - GRANDE PRÉMIO DA CLASSE TRADICIONAL

Lubrapex-82 - IX Exposição Filatélica Luso-Brasileira, Curitiba, 1982 - MEDALHA DE OURO com PRÉMIO ESPECIAL.

Madrid-82 - Exposição Mundial, Madrid, 1982 - MEDALHA DE OURO.

Brasiliana-83 - Exposição Mundial, Rio de Janeiro, 1983 - MEDALHA DE VERMEIL GRANDE com PRÉMIO ESPECIAL.

Porto-83 - XIII Exposição Filatélica Nacional, Porto, 1983 - MEDALHA DE OURO.

Lubrapex-84 - X Exposição Filatélica Luso-Brasileira, Lisboa, 1984 - MEDALHA DE OURO.

PhilaKorea-84 - Exposição Mundial - Seul, 1984 - MEDALHA DE OURO.

Espanha-84 - Exposição Mundial - Madrid, 1984 - MEDALHA DE OURO.

Centenário do Selo de Macau - Salão Comemorativo - Macau, 1984 - MEDALHA DE OURO.

Itália-85 - Exposição Mundial - Roma, 1985 - MEDALHA DE VERMEIL GRANDE.

Mophila-85 - Salão de Filatelia Moderna (por convite) - Hamburgo , 1985 - PRIMEIRO PREMIO.

Europex-86 - Salão Internacional de Filatelia (por convite) - Lisboa, 1986 - MEDALHA DE OURO

IV Exposição Filatélica Europeia - Madrid, 1986 - MEDALHA DE OURO.

IV Exposição Espamer-87 - Exposição Filatélica de América y Europa - La Coruña, 1987 - MEDALHA OURO.

Por opção pessoal deixou de expor em competição a partir de 1988.

## **DISTINÇÕES E NOMEAÇÕES OFICIAIS**

É titular do “CERTIFICATE OF HONOR” atribuído pela American Philatelic Society, em 1966, segundo filatelista português a receber esta distinção.

É detentor da MEDALHA DE SERVIÇOS INESTIMÁVEIS da Federação Portuguesa de Filatelia , atribuída em 1966.

Foi LOUVADO pelo Tribunal de Lourenço Marques para assuntos filatélicos, nos anos de 1970/74. Desempenhou o cargo de “Coordenador da Comissão para Assuntos Filatélicos”, criada pelo Ministério das Comunicações da República Popular de Moçambique, no período de 1974/76.

É detentor da MEDALHA DE MÉRITO da Federação Italiana de Sociedades Filatélicas, atribuída em 1986.

Foi PRESIDENTE DE HONRA DOS JURADOS da Exposição Luso-Brasileira de Filatelia LUBRAPEX-86, realizada no Rio de Janeiro, a convite da respectiva Comissão Organizadora.

Foi em 2006 agraciado pelo Presidente da República Jorge Sampaio, com as insígnias de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, distinção atribuída pelo trabalho desenvolvido no Album “Enciclopédico e Histórico” de Selos de Portugal, apresentado na Internet.

Em reunião camarária de Fevereiro de 2008, a Câmara Municipal de Sintra atribuiu, por unanimidade, à Freguesia de São Pedro de Penaferrim, o topónimo “Rua Comendador Carlos Kullberg - filatelista”.

## Índice

1853	D. Maria II – Impressão em relevo
1855/56	D. Pedro V – cabelos lisos – impressão em relevo
1856/58	D. Pedro V – cabelos anelados – impressão em relevo
1862/64	D. Luiz I – impressão em relevo
1866/67	D. Luiz I – fita curva – impressão em relevo
1867/70	D. Luiz I – fita curva – impressão em relevo
1870/76	D. Luiz I – fita direita – impressão em relevo
1879/80	D. Luiz I – fita direita – impressão em relevo
1876	Legenda “JORNAES”
1880/81	D. Luiz I de perfil
1882/83	D. Luiz I de frente
1884	Valor numa oval
1884/87	D. Luiz I – novos valores
1884	D. Luiz I – fita direita – impressão em relevo
1892/93	D. Carlos I
1892/93	Selos de 1871 a 1887 com sobrecarga “PROVISORIO”
1894	Emissão comemorativa do 5º centenário do nascimento do Infante D. Henrique
1895	Emissão comemorativa do 7º centenário do nascimento de Santo António de Lisboa.
1895/96	D. Carlos I
1890/1905	D. Carlos I – novas cores e novos valores
1898	Emissão comemorativa do 4º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia
1910	D. Manuel II

## Portugal

### 1853 – D. Maria II – Impressão em relevo

Primeira emissão de selos postais em Portugal. Os cunhos gravados pelo abridor da Casa da Moeda, Francisco de Borja Freire, foram inspirados nos selos ingleses de relevo da emissão de 1847/1848, sendo o busto da soberana, semelhante ao das moedas de D. Maria II cunhadas em Londres, por Wyon. Estes selos foram impressos um a um em folhas de 24 exemplares não denteados e dispostos irregularmente. As primeiras taxas emitidas, foram as de 5 e 25 reis, seguidas das taxas de 50 e 100 reis. Circularam 2.294.112 do 5 reis castanho vermelho, 4.888.729 do 25 reis azul 179.400 do 50 reis verde amarelo, e 147.600 do 100 reis lilás. Utilizaram-se dois cunhos para o 5 reis e um cunho para cada uma das outras taxas. Foram reimpressos em 1863 para satisfazer requisições de correios estrangeiros, em 1885 para formar 500 coleções a fornecer às diversas Administrações membros da União Postal Universal, em 1905 para ofertar a S. M. o Rei Dom Afonso XIII de Espanha, e em 1953 por ocasião da Exposição Filatélica Internacional, durante o Centenário do Selo Postal Português.



D. MARIA II. Rainha de Portugal, de 1834 a 1853, nasceu no Rio de Janeiro a 4 de Abril de 1819, e era filha de Dom Pedro IV de Portugal (1º Imperador do Brasil) e de sua primeira mulher, a Arquiduquesa de Áustria, D. Maria Leopoldina Josefa Carolina. Aos 16 anos, viuva do Príncipe Augusto de Leuchtemberg, casou em 1835 com Fernando Augusto Francisco António, Duque de Saxe-Coburgo-Gotha (Dom Fernando II) de quem teve onze filhos, dos quais se destacaram os reis Dom Pedro V e Dom Luiz. Faleceu com 34 anos, a 15 de Novembro de 1853.

## Portugal

### 1855/56 – D. Pedro V – cabelos lisos – impressão em relevo

Foram impressos um a um, dispostos irregularmente e em folhas de 24 exemplares não denteados, utilizando papel liso, mas de espessuras várias (fino, médio e espesso). O cunho desenhado e gravado por Francisco de Borja Freire, foi inspirado nas moedas da época, de autoria do mesmo artista, que aproveitou as cercaduras que havia desenhado para os anteriores selos de D. Maria II. Embora esta série só tenha circulado durante catorze meses, foram feitos sete cunhos para a emissão de 3.824.400 do 5 reis castanho vermelho, dois cunhos para a emissão de 3.402.000 do 25 reis azul (tipos I e II), um cunho para a emissão de 397.200 do 50 reis verde azul, e um cunho para a emissão de 349.200 do 100 reis lilás. Os diversos cunhos motivaram outras tantas variedades, sendo a mais evidente, a que nos foi dada pelos cunhos I e II do selo de 25 reis, que apresenta as pérolas da cercadura, colocadas de maneira diversa. Foram reimpressos em 1885 e 1905.



## Portugal

### 1856/58 – D. Pedro V – cabelos anelados – impressão em relevo

Ao que parece, não para retratar o soberano com cabelos anelados, mas sim, para rectificar o seu penteado que indevidamente aparecera na emissão anterior, com risco posto à direita, foram postos em circulação estes novos selos, após a aclamação do monarca. Impressos um a um, e dispostos irregularmente em folhas de 24 exemplares não denteados, utilizaram papel liso fino, médio e espesso. Foram abertos dois cunhos para o selo de 5 reis castanho, um cunho para o 25 reis azul de burilagem simples, três cunhos para o 25 reis azul de burilagem dupla, e quatro cunhos para o 25 reis rosa. A emissão foi de 20 milhões do 5 reis castanho, 2,5 milhões do 25 reis azul tipo I, 6,3 milhões do 25 reis azul tipo II, e 22,3 milhões do 25 reis rosa. Foram reimpressos em 1864, 1885 e 1905.

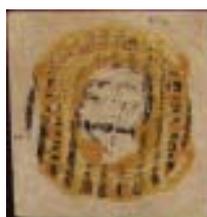


D. PEDRO V. Rei de Portugal nos anos de 1855 a 1861, nasceu em Lisboa a 16 de Setembro de 1837, e era filho da Rainha D. Maria II e de seu marido Dom Fernando. Com 16 anos sucedeu no trono por morte de sua mãe, ficando D. Fernando II regente do reino até aos 18 anos de seu filho D. Pedro. Casado com a princesa de Hohenzollern-Sigmaringen, D. Estefania Josefina Frederica Guilhermina Antónia aos 21 anos de idade, enviuvou no ano seguinte. Este Rei, dotado de belas qualidades de carácter, era adorado pelo seu povo, tendo no entanto, sido muito infeliz durante todo o seu curto reinado. Vitimado por febres contraídas no Alentejo, segundo alguns historiadores que não deixam postas de parte as suspeitas de envenenamento, faleceu em 11 de Novembro de 1861 com a idade de 24 anos, na mesma altura em que os seus irmãos, Infantes Dom Fernando e Dom João, eram igualmente vítimas do mal que atacara toda a família.

## Portugal

### 1862/64 – D. Luiz I – impressão em relevo

Desenhados por Francisco de Borja Freire que também abriu os cunhos, foram impressos um a um em folhas de 24 exemplares, dispostos irregularmente e não denteados, utilizando-se papel liso fino, médio e espesso. Foi este o último trabalho do artista, autor de todos os selos portugueses emitidos até esta data. É interessante notar, que sendo Borja Freire gravador de moedas, nos seus selos respeitou sempre a regra numismática, de virar a efígie do monarca para o lado contrário ao do seu antecessor. Foram utilizados dois cunhos com o 5 reis castanho para uma tiragem de 18.621.600 selos, um cunho com o 10 reis amarelo laranja para uma tiragem de 2.192.400 selos, sete cunhos, com o 25 reis carmim rosa para uma tiragem de 32.833.200 selos, um cunho com o 50 reis verde azul para uma tiragem de 411.600 selos, e um cunho com o 100 reis lilás para uma tiragem de 451.200 selos. Os cunhos do 5 reis identificam-se pelo afastamento do “5” em relação a “Reis” e os do 25 reis identificam-se por diferenças no entrançado da burilagem. Foram reimpressos em 1885 e 1905.



## Portugal

### 1866/67 – D. Luiz I – fita curva – impressão em relevo

Desenho e gravura do belga Charles Wiener, contratado para primeiro gravador da Casa da Moeda, em substituição do reformado Borja Freire. Foram impressos um a um e dispostos regularmente em folhas de 28 selos não denteados, utilizando-se papel liso médio, e espesso. Foram feitos três cunhos para a tiragem de 4.061.400 do 5 reis preto, um cunho para a tiragem de 691.200 do 10 reis amarelo, um cunho para a tiragem de 441.000 do 20 reis bistro, quatro cunhos para a tiragem de 4.377.800 do 25 reis carmim rosa, um cunho para a tiragem de 201.600 do 50 reis verde, um cunho para a tiragem de 281.400 do 80 reis laranja vermelho, um cunho para a tiragem de 201.600 do 100 reis lilás malva, e um cunho para a tiragem de 247.800 do 120 reis azul. Os cunhos dos selos de 5 e 25 reis, distinguem-se pela posição dos algarismos. Foram reimpressos em 1885 e 1905.



## Portugal

### 1867/70 – D. Luiz I – fita curva – impressão em relevo

Foi esta, a primeira emissão de selos denteados, em Portugal. Reconhecidas as desvantagens dos selos não denteados, algumas nações adoptaram um processo de “vincar” as margens dos selos, que também não provou grande eficiência. Desde 1854 que a Inglaterra denteava os seus selos, utilizando uma máquina que Henry Archer inventara em 1848. Em 1866 adquiriu a Casa da Moeda, uma destas máquinas, que a partir de Fevereiro de 1867, passou a ser utilizada no denteado (12,5), dos selos então em circulação (D. Luiz I emissão de 1866/67), dando assim origem a uma nova série. Utilizaram-se cinco cunhos para a emissão de 12.933.200 do 5 reis preto, um cunho para a emissão de 1.010.800 do 10 reis amarelo laranja, um cunho para a emissão de 457.800 do 20 reis bistre, catorze cunhos para 27.785.800 do 25 reis carmim, um cunho para a emissão de 322.000 do 50 reis verde, um cunho para a emissão de 401.800 do 80 reis laranja vermelho, dois cunhos para a emissão de 428.400 do 100 reis lilás malva, um cunho para a emissão de 854.000 do 120 reis azul, e um cunho para a emissão de 175.000 do 240 reis lilás malva (este selo só foi emitido em 1870 pelo que não fez parte da série anterior). Foram reimpressos em 1885 com denteados 13,5 e 12,5 e em 1905 com denteado 13,5.



## Portugal

### 1870/76 – D. Luiz I – fita direita – impressão em relevo

Desenhados e gravados pelo primeiro gravador da Casa da Moeda, Frederico Augusto de Campos, que tinha sido incumbido de retocar os cunhos da emissão anterior da autoria do seu antecessor Carlos Wiener. Tomando por base o trabalho que lhe indicaram, conseguiu uma obra diferente e muito superior. Impressos um a um e dispostos regularmente em folhas de 28 exemplares, utilizaram quatro denteados diferentes, e papel liso fino, médio e espesso, papel costelado e papel porcelana. Foram abertos nove cunhos para a emissão de 37.990.600 do 5 reis preto em denteados 12,5 14 13,5 e 11, dois cunhos para a emissão de 2.648.200 do 10 reis amarelo laranja em denteados 12,5 14 13,5 e 11, dois cunhos para a emissão de 1.304.800 do 15 reis castanho em denteados 12,5 e 13,5, um cunho para a emissão de 4.275.200 do 20 reis bistre em denteados 12,5 13,5 e 11, onze cunhos para a emissão de 100.699.304 do 25 reis carmim rosa em denteados 12,5 14 13,5 e 11, dois cunhos para a emissão de 3.733.800 do 50 reis verde em denteados 12,5 13,5 e 11, dois cunhos para a emissão de 2.142.000 do 80 reis laranja vermelho em denteados 12,5 14 13,5 e 11, um cunho para a emissão de 2.625.400 do 100 reis lilás castanho em denteados 12,5 14 e 13,5, um cunho para a emissão de 866.600 do 120 reis azul em denteados 12,5 e 13,5, dois cunhos para a emissão de 406.000 do 150 reis azul em denteados 11,5 e 13,5, um cunho para a emissão de 156.800 do 240 reis lilás em denteados 12,5 e 11, um cunho para a emissão de 308.000 do 300 reis violeta em denteados 12,5 e 13,5. Foram reimpressos em 1885 com denteados 13,5 e 12,5, e em 1905 com denteado 13,5.



## Portugal

### 1879/80 – D. Luiz I – fita direita – impressão em relevo

A conselho da União Postal Universal, passaram os selos destinados a impressos, a ser emitidos na cor verde, e os destinados a cartas, na cor azul. Para o novo selo de 50 reis azul não se confundir com o de 150 reis igualmente azul, foi também modificada a cor do 150 reis, para amarelo. Utilizaram um cunho para a impressão de 2.020.200 do 10 reis verde azul e verde amarelo, dois cunhos para a impressão de 1.664.600 do 50 reis azul, e um cunho para a impressão de 57.400 do 150 reis amarelo. Impressos em papel liso fino, médio e espesso, e papel porcelana, com os denteados 12,5 e 13,5. Foram reimpressos em 1885 com denteados 13,5 e 12,5 e em 1905 com denteado 13,5.



D. LUIZ I. Rei de Portugal de 1861 a 1889. Segundo filho da Rainha D. Maria II e de D. Fernando II, nasceu em Lisboa a 31 de Outubro de 1838, e tendo a sua educação sido encaminhada para a marinha, comandou o brigue Pedro Nunes e a corveta Bartolomeu Dias. Em viagem pela Europa com seu irmão D. João, estava em Londres quando soube da grave doença que atacara seu irmão, o Rei D. Pedro V. Quando chegou a Lisboa, teve a notícia da morte do soberano e também do Príncipe Alberto, marido da Rainha de Inglaterra, com quem tinha jantado na véspera da sua partida, dizendo-se que o Príncipe Alberto havia sucumbido por engano, ao envenenamento preparado para D. Luiz. Foi proclamado rei a 14 de Novembro de 1861. Casou com a princesa D. Maria Pia de Sabóia, filha do rei Victor Manuel II de Itália, tendo como filho primogénito, o Infante D. Carlos, mais tarde rei de Portugal. O reinado de D. Luiz I foi de grande agitação política, com os estadistas Joaquim António de Aguiar, Fontes Pereira de Melo, Conde de Ávila, Bispo de Viseu, Duque de Loulé, Marechal Duque de Saldanha, Marquês Sá da Bandeira e António Rodrigues Sampaio. Tal como seu pai, foi convidado para o trono de Espanha, convite que rejeitou, declarando que nascera português e português queria morrer. Deu grande desenvolvimento aos Caminhos de Ferro. Poliglota, dedicou-se às Letras e às Artes sendo considerado um dos monarcas mais instruídos e estudiosos da Europa. Com 50 anos de idade, faleceu em Cascais a 19 de Outubro de 1889.

## Portugal

### 1876 – Legenda “JORNAES”

Reduzida a franquia dos jornais, de 5 para 2,5 reis, estudou-se um novo selo, que pelo grande consumo previsto, deveria ser emitido mais economicamente do que os até então impressos em relevo. Assim, foi este o primeiro selo do Continente Português, impresso sem relevo e pelo sistema tipográfico. O desenho e a gravura são da autoria de Eudócio César de Azedo Gneco, gravador da Casa da Moeda. Em 1876 foram emitidos 98.327.064 em papel liso fino ou médio com denteados 12,5 e 13,5 em folhas de 28 selos, em 1886 foram emitidos 4.650.000 em papel liso fino ou médio com denteado 11,5 em folhas de 150 selos, em 1887 foram emitidos 113.550.000 em papel porcelana com denteado 11,5 em folhas de 150 selos, e finalmente em 1894 foram emitidos 18.886.000 em papel pontilhado em losangos com denteado 11,5 em folhas de 150 selos, atingindo 235.413.064 selos, o total desta emissão. Foram reimpressos em 1885 e 1905.



### 1880/81 – D. Luiz I de perfil

Desenhados por João Pedroso Gomes da Silva, que igualmente fez as gravuras em madeira. O primeiro selo emitido foi o de 25 reis cinzento, inspirado nos selos italianos de 1863 com o retrato de Victor Manuel II. Não existindo qualquer retrato de D. Luiz I na Casa da Moeda, teve o artista que o idealizar, não conseguindo na gravura, representar o soberano. Por este motivo, muito desagradaram os selos, fazendo-se com a possível urgência, outros cunhos com base num retrato, emitindo-se então as taxas de 5 reis preto, 25 reis violeta e 50 reis azul. Foram impressos pelo sistema tipográfico em folhas de 28 selos denteados 12,5 e 13,5 utilizando-se papel liso médio ou fino, e papel porcelana. As tiragens foram 2.576.000 do 5 reis preto, 5.824.000 do 5 reis castanho (cunho retocado), 2.758.000 do 25 reis cinzento (retrato diferente), 26.448.000 do 25 reis violeta (várias tonalidades), e 1.344.000 do 50 reis azul. Foram reimpressos em 1885 e 1905.



## Portugal

### 1882/83 – D. Luiz I de frente

Tendo desagradado os selos da anterior série, pensou a Casa da Moeda, contratar um gravador estrangeiro, para melhor reproduzir o retrato do soberano. Depois de diligências feitas em Londres e Paris, contratou o gravador francês Eugene Mouchon, que gravou o busto de D. Luiz I. As cercaduras foram desenhadas e gravadas por Venancio Pedro de Macedo Alves, então 2º gravador. Estes selos foram inspirados nos selos italianos de 1879 com a efígie do Rei Humberto I, e tipografados primeiramente em folhas de 28 selos, passaram a folhas de 150 selos, a partir de 1886. Foi utilizado o papel porcelana médio e espesso, e o papel liso. Os denteados foram 11,5 12,5 e 13,5. Emitidos 15.258.000 do 5 reis cinzento, 90.376.000 do 25 reis castanho, e 17.400.000 do 50 reis azul. Foram reimpressos em 1885/93 com denteado 13,5 e 12,5 e em 1905 com denteado 13,5.



### 1884 – Valor numa oval

Desenhados e gravados por Frederico Augusto Campos, foram tipografados 1.120.000 selos em folhas de 28, utilizando papel liso médio, com denteados 12,5 e 13,5. Embora emitido para satisfazer as necessidades dos telégrafos (2 reis era o valor pago por cada palavra nos telegramas urbanos), eram estes selos também destinados ao serviço postal (legenda correios e telegraphos), sendo no entanto pequena a percentagem dos que foram utilizados como valor postal. É interessante notar, que os selos destinados aos portes telegráficos, eram inutilizados com uma perfuração em estrela de cinco bicos, depois de terem levado a marca do dia! Foram assim inutilizados, selos das emissões de 1870 a 1893. Foram reimpressos em 1885/93 com denteados 13,5 e 12,5 e em 1905 com denteado 13,5.



## Portugal

### 1884/87 – D. Luiz I – novos valores

Busto gravado por Eugène Mouchon, com cercaduras desenhadas e gravadas por Venâncio Pedro de Macedo Alves, que só não executou o trabalho da cercadura do selo de 25 reis, que é da autoria do artista Eudócio César Azedo Gneco. Foram tipografados 34.650.000 do 5 reis preto papel porcelana em folhas de 150 selos com denteados 11,5 12,5 e 13,5, 112.000 do 5 reis preto papel liso em folhas de 28 selos com denteado 11,5, 5.250.000 do 10 reis verde papel porcelana em denteados 11,5 12,5 e 13,5, 4.650.000 do 20 reis carmim rosa papel porcelana em folhas de 150 selos denteado 11,5, 90.975.000 do 25 reis violeta azul e lilás rosa papel porcelana em folhas de 150 selos denteado 11,5, 560.000 do 500 reis preto papel porcelana em folhas de 150 selos denteado 12,5, e 224.000 do 500 reis violeta azul papel porcelana em folhas de 150 selos denteados 12,5 e 13,5. O selo de 5 reis passou a ser preto na tentativa de unificar as cores que na série anterior apareciam diversas, de impressão para impressão. O 25 reis mudou de cor e de desenho para evitar que circulassem as falsificações da autoria de Alfredo Alves Mendes (Pera de Satanás) que havia sido descoberto. Dada a urgência da nova emissão, aproveitaram a chapa dos selos da Guiné. O 500 reis passou a ser violeta quando o 5 reis passou a preto para assim não se confundirem. Foram reimpressos em 1885/93 com denteados 13,5 e 12,5, em 1900 (5 e 25 reis) com denteado 11,5 e em 1905 com denteado 13,5.



## Portugal

### 1884 – D. Luiz I – fita direita – impressão em relevo

Desenho e gravura de Frederico Augusto de Campos. Alterado o porte dos bilhetes postais para 20 reis, o selo desta taxa teria que passar a ser carmim, segundo os acordos internacionais (UPU). O selo de 1.000 reis, foi principalmente destinado ao telégrafo, circulando também como valor postal. Foram utilizados dois cunhos para a emissão de 2.800.000 do 20 reis carmim em papel porcelana com denteados 12,5 e 13,5, e um cunho para a emissão de 112.000 do 1.000 reis preto em papel liso com denteados 12,5 e 13,5. Foram reimpressos em 1885/93 com denteados 13,5 e 12,5, e em 1905 com denteado 13,5.



### 1892/93 – D. Carlos I

Por ser grande a quantidade de selos de D. Luiz I, ainda armazenada, quando da morte deste soberano, somente cerca de três anos mais tarde, foram postos em circulação os selos de D. Carlos I. Busto gravado em madeira por Manuel Diogo Neto, com cercaduras desenhadas e gravadas por José Sérgio de Carvalho e Silva, foram impressos na Casa da Moeda, utilizando o sistema tipográfico em folhas de 28 e 150 selos de papel porcelana e pontilhado em losangos. Foram emitidos 23.892.000 do 5 reis laranja denteado 11,5, 4.032.000 do 10 reis lilás rosa denteados 11,5 12,5 e 13,5, 1.332.000 do 15 reis castanho denteados 12,5 e 13,5, 2.928.000 do 20 reis violeta denteados 12,5 e 13,5, 65.766.000 do 25 reis verde denteado 11,5, 7.312.000 do 50 reis ultramar denteados 11,5 12,5 e 13,5, 988.000 do 75 reis carmim denteados 11,5 12,5 e 13,5, 1.848.000 do 80 reis verde claro denteados 12,5 e 13,5, 3.548.000 do 100 reis castanho sobre amarelo denteados 11,5 12,5 e 13,5, 1.088.000 do 150 reis carmim sobre rosa denteados 12,5 e 13,5, 612.000 do 200 reis azul sobre azul denteados 12,5 e 13,5, e 584.000 do 300 reis azul sobre laranja denteado 13,5. Estes selos muito desagradaram em todos os sectores, que criticavam principalmente o trabalho da Casa de Moeda. Foram reimpressos com denteado 11,5 em 1900 (taxas de 50 100 e 300 reis), e em 1905 toda a série.



## Portugal

1892/93 – D. Carlos I



D. CARLOS I. Rei de Portugal de 1889 a 1908. Filho primogénito de D. Luiz I e da rainha D. Maria Pia de Saboia, nasceu em Lisboa a 28 de Setembro de 1863. Foi regente do reino por ausência de seu pai, nos anos de 1882, 1886 e 1888. Por morte do mesmo, subiu ao trono em 19 de Outubro de 1889. Foi infeliz no seu reinado, sempre agitado por constantes lutas políticas. Embora tivesse qualidades para ser um bom rei, descuidou um tanto os negócios do Estado, ao dedicar-se a divertimentos venatórios ou a viagens pelo estrangeiro. Em retribuição destas viagens, foi Portugal visitado por Eduardo VII Rei da Inglaterra, Afonso XIII Rei de Espanha, Alexandra Rainha da Inglaterra, Guilherme II Imperador da Alemanha, e Emílio Loubet Presidente da República Francesa. O país caminhou para uma situação aflitiva e de descontentamento geral, agravado pela política violenta que o chefe do governo João Franco tomara com anuência do soberano, situação de que o partido republicano se aproveitou. Uma revolução para derrubar a monarquia, foi marcada para o dia 28 de Janeiro de 1908, mas descoberta a tempo, teve como resultado grande número de prisões, entre as quais, as dos dirigentes republicanos Ribeira Brava, Afonso Costa e António José de Almeida. No dia 31 de Janeiro em Vila Viçosa, assinou o Rei D. Carlos um decreto expulsando do reino ou deportando para Timor, os implicados na malograda conspiração, decreto que foi a sua sentença de morte! No dia seguinte, 1 de Fevereiro de 1908, ao regressar a Lisboa acompanhado de sua família, foi vítima dum atentado a tiro, do qual resultou a morte do Soberano e do Príncipe Real D. Luiz Filipe, ficando ferido o Infante D. Manuel. D. Carlos I cujo nome completo era Carlos Fernando Luiz Maria Victor Manuel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão de Bragança Saboia Bourbon Saxe-Coburgo Gotha, era casado com D. Maria Amélia de Orleans, filha do Conde de Paris e neta de Luiz Filipe, Rei de França, de cujo matrimónio nasceram os Infantes D. Luiz Filipe e D. Manuel. As melhores páginas do seu reinado foram escritas em África nos anos de 1895/96 com as campanhas contra o Gungunhana e Namarrais por Mousinho de Albuquerque, 1902 campanha do Bailundo por Massano de Amorim, 1907 campanha do Cuamato por Alves Roçadas e campanha dos Dembos por João de Almeida.

## Portugal

### 1892/93 – Selos de 1871 a 1887 com sobrecarga “PROVISORIO”

Para que se aproveitassem os selos retirados de circulação, cujos saldos ainda existentes na Casa da Moeda representavam um valor, foi determinado que os mesmos deveriam voltar a circular depois de sobretaxados com 2,5 reis. Concluindo-se que não havia necessidade de tantos selos dessa taxa, mantiveram-se os valores faciais, determinando-se a sobrecarga “PROVISORIA” (referida possivelmente a estampilhas ou formula de franquia), que a Casa da Moeda alterou para “PROVISORIO” (referindo-se a selo).

Foram sobrecarregados 3.176.725 selos de 5 reis preto, e 1.682.000 selos de 10 reis verde, com sobrecarga “PROVISORIO” horizontal a preto, e diagonal a vermelho.



Com sobrecarga diagonal “PROVISORIO” a vermelho nos selos de cor preta, verde e azul, e a preto nos restantes, foram sobrecarregados 86.800 selos de 15 reis castanho, 411.320 selos de 20 reis rosa, 1.347.100 selos de 25 reis lilás, 29.715 selos de 50 reis azul, e 101.584 selos de 80 reis amarelo laranja.



## Portugal

### 1892/93 – Selos de 1871 a 1887 com sobrecarga “PROVISORIO”

Com sobrecarga “1893 PROVISORIO” foram sobrecarregados 30.000 selos de 5 reis preto, 28.000 selos de 10 reis verde, 38.872 selos de 20 reis rosa, 28.000 selos de 25 rei, lilás 30,000 selos de 52 reis azul e 28.000 selos de 80 reis laranja.



Num último aproveitamento tendo em vista as taxas mais necessárias, além da sobrecarga “1893 PROVISORIO” foram sobretaxados 28.000 selos com 20 reis sobre 25 reis lilás, 28.000 selos com 50 reis sobre 80 reis amarelo laranja, e 28.000 selos com 75 reis sobre 80 reis amarelo laranja.



A emissão de sobrecargas “PROVISORIO” que era destinada a circular nos anos de 1892 e 1893, foi por decreto, autorizada a circular até 31 de Dezembro de 1894.

## Portugal

### 1894 – Emissão comemorativa do 5º centenário do nascimento do Infante D. Henrique

Desenhos de José Veloso Salgado, sendo os selos de 5 a 100 reis litografados em folhas de 100, e os selos de 150 a 1000 reis gravados a talhe doce e impressos em folhas de 25, trabalhos efectuados em Leipzig, por Giesecke & Devrient. O papel é levemente pontinhado em losangos, e o denteado 14. Foi esta a primeira emissão portuguesa, de selos comemorativos, e a ideia nasceu na comissão nomeada pela Câmara Municipal do Porto, para dirigir as comemorações do centenário do Infante D. Henrique, tendo em vista a obtenção de fundos para a estátua do Infante na cidade do Porto, e para as despesas com os festejos comemorativos. Estes selos circularam durante dez dias (4 a 13 de Março de 1894) no Continente e nos Açores (sobrecarga Açores), e para a sua obliteração foi desenhado um carimbo especial com os dizeres “1394 – CENTENARIO – 1894” de que se fizeram 60 exemplares, distribuídos pelas estações postais das capitais dos distritos. Esta série não teve a saída prevista e assim, dos 3.676.269 selos postos à venda no Continente, somente 1.066.115 foram vendidos, queimando-se na Casa da Moeda, os restantes 2.610.154.

Foram vendidos 267.951 selos de 5 reis laranja, 143.438 selos de 10 reis lilás rosa, 82.584 selos de 15 reis castanho, e 78.757 selos de 20 reis violeta. O desenho representa «O Infante na proa duma caravela», ladeado por dois navegadores.



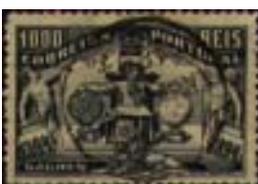
Foram vendidos 237.242 selos de 25 reis verde, 66.471 selos de 50 reis azul, 37.941 selos de 75 reis carmim, 32.686 selos de 80 reis verde amarelo, e 43.724 selos de 100 reis castanho sobre amarelo. O desenho representa «O Infante no promontório de Sagres», observando a partida das caravelas para os descobrimentos; em ambos os lados, símbolos das conquistas.



## Portugal

### 1894 – 5º centenário do nascimento do Infante D. Henrique

Foram vendidos 23.106 selos de 150 reis rosa, 19.344 selos de 300 reis azul sobre salmão, 16.935 selos de 500 reis malva sobre azul, e 15.936 selos de 1000 reis preto. O desenho representa «O Infante», sentado, tendo a mão direita apoiada na esfera armilar, e a esquerda no globo terrestre. Aos pés, um leão, símbolo do poderio dos portugueses.



INFANTE D. HENRIQUE. Nasceu no Porto, a 4 de Março de 1395. O “Navegador” foi o quinto filho de D. João I e da Rainha D. Filipa de Lencastre, sua mulher. Foi grão-mestre da Ordem de Cristo, Duque de Viseu, Fronteiro-mor de Leiria, Senhor da Covilhã, de Lagos e de Sagres no Algarve, de cujo domínio era “Governador Perpetuo”. Comandou a frota que conquistou Ceuta em 21 de Agosto de 1415, e igualmente fez parte da expedição à mesma Praça em 1437, onde havia de ficar cativo, seu irmão, o Infante D. Fernando. Fundou na Vila do Infante (hoje Sagres), uma Escola de Cosmografia e Navegação, onde recebiam ensinamentos, os futuros navegadores. Estabeleceu na mesma Vila, estaleiros e oficinas de construção naval, montando igualmente, o primeiro observatório astronómico existente em Portugal. Suas naus descobriram em 1418 as Ilhas de Porto Santo e Madeira, em 1432 as Ilhas dos Açores, em 1434 dobraram o Cabo da Boa Esperança, em 1436 descobriram as costas do Rio do Ouro, em 1441 o Cabo Branco, em 1443 a Ilha de Arquim, em 1446 a Serra Leoa, em 1457 a Gâmbia, em 1460 as Ilhas de Cabo Verde, dando assim início ao que viria a ser um dos maiores impérios do mundo. O Infante D. Henrique, que foi o maior matemático do seu tempo, dedicou-se às ciências cosmográficas, tendo sido o inventor das “cartas planas”. Faleceu em Sagres, a 13 de Novembro de 1460.

## Portugal

### 1895 – Emissão comemorativa do 7º centenário do nascimento de Santo António de Lisboa.

A ideia desta emissão, nasceu da “Comissão das Festas do Centenário do Nascimento de Santo António”, destinando-se o produto da venda às despesas com os festejos e à construção dum edifício para a “Associação Protectora da Infância Santo António de Lisboa”. Os selos de 2,5 reis e 100 reis, foram desenhados por António Monteiro Ramalho, e os de 150 reis a 1000 reis, desenhados por Carlos Reis. O selo de 2,5 reis foi gravado em madeira por Manuel Diogo Neto, e tipografado em folhas de 56 selos, na Casa da Moeda, com denteado 11,5. Os selos de 25 e 50 reis, foram fotogravados, e os restantes litografados, em folhas de 100 selos, sendo o trabalho executado pela Companhia Nacional Editora, de Lisboa, e o denteado 12x11,5 feito na Casa da Moeda. As cores foram escolhidas por Augusto José da Cunha, sendo as taxas a partir de 25 reis, a duas cores. Economicamente, fracassou o objectivo em vista, e assim, dum emissão de 9.280.000 selos (Continente), apenas foram vendidos 1.982.989 selos, queimando a Casa da Moeda os restantes 7.297.011 selos, conforme superiormente determinado. Circularam de 13 a 30 de Junho de 1895.

Foram vendidos 727.690 selos de 2,5 reis preto. O desenho representa «A aparição do Menino Jesus a Santo António» segundo um quadro de Murillo, existente na Catedral de Sevilha.



Foram vendidos 299.590 selos de 5 reis laranja, 110.054 selos de 10 reis lilás vermelho, 59.890 selos de 15 reis castanho, 69.624 selos de 20 reis violeta azul, e 524.416 selos de 25 reis verde e violeta. O desenho representa «Santo António pregando aos peixes».



## Portugal

### 1895 – 7.º centenário do nascimento de Santo António de Lisboa

Foram vendidos 61.449 selos de 50 reis azul e castanho, 22.535 selos de 75 reis carmim e castanho, 16.311 selos de 80 reis verde e castanho, e 38.639 selos de 100 reis castanho e preto. O desenho representa «Santo António levado ao céu pelos anjos».



Foram vendidos 12.346 selos de 150 reis rosa e bistre, 14.929 selos de 200 reis azul e bistre, 9.361 selos de 300 reis ardósia e bistre, 8.236 selos de 500 reis castanho e verde, e 7.919 selos de 1000 reis violeta e verde. O desenho representa «O retrato de Santo António».



## Portugal

### 1895 – 7.º centenário do nascimento de Santo António de Lisboa

No verso de cada selo, foi impressa a azul, tipograficamente na Casa da Moeda, a seguinte inscrição com oração em latim: “Centenário de Santo António MCXCV \* MDCCCXCV” “O língua benedicta, quae Dominum semper benedixisti et alios benedicere docuisti : nunc perspicue cernitur quanti meriti fueris apud deum” S. Boaventura. (Cuja tradução é: “Oh língua bendita, que sempre louvaste o Senhor e ensinaste os outras a louvar: agora claramente se vê quanto merecimento tiveste junto de Deus.”) S. Boaventura.



SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, chamam-lhe os portugueses recordando a sua naturalidade e Santo António de Pádua chamam-lhe os italianos, recordando que, em Pádua pregou passou a maior parte da sua vida e lá faleceu. Nascido em Lisboa a 15 de Agosto de 1195, numa casa junto às portas da antiga cidade, chamadas “Portas do Mar” e onde hoje se eleva o templo de Sto António da Sé erigido em sua memória. Era filho de Martins de Bulhões e de Teresa Maria Taveira, ambos de famílias distintas. Desde muito novo que demonstrou as suas tendências religiosas, frequentando os claustros da Sé de Lisboa, de São Vicente de Fora onde em 1211 tomou o hábito de Santo Agostinho com o nome de Fernando, o convento de Santa Cruz de Coimbra, e o convento de Santo Antão (Ordem de S. Francisco de Assis) que mais tarde se chamou Convento de Santo António dos Olivais. Em 1220 abandonou o hábito de Santo Agostinho, pelo hábito Franciscano, passando então a chamar-se António. Embarcou como missionário para África, mas adoecendo, teve de desistir. A caravela onde regressava a Portugal, foi açoitada por violenta tempestade que a levou às costas da Sicília. Aí, teve ocasião de demonstrar as suas qualidades de grande orador, pelo que foi chamado por S. Francisco de Assis, e a seu mando aperfeiçoou os estudos, dedicando-se então a pregar e ensinar teologia. Em missões por Itália e França, tomou grande fama, sendo sempre escutado por um número tão elevado de fieis, que se via obrigado a pregar ao ar livre. As crónicas atribuem inúmeros milagres ao santo português, que com 36 anos de idade faleceu em Pádua a 13 de Junho de 1231. Em 1259 ergueram em Pádua um riquíssimo templo em sua honra, e para onde trasladaram as suas relíquias. Mais duas vezes foram estas trasladadas, sendo a última em 1350 para a Basílica que foi edificada pelos paduanos e que se pode considerar uma das maravilhas do mundo.

## Portugal

### 1895/96 – D. Carlos I

Desenhados e gravados por Eugène Mouchon, tendo a moldura do retrato do soberano, dois escudos reais nos cantos superiores, um ramo de louro no canto inferior esquerdo, e um ramo de carvalho no canto inferior direito, simbolizando assim, a realeza, a glória e a força. Tipografados na Casa da Moeda em folhas de 28 ou 150 selos, de papel levemente pontilhado em losangos, e com denteado 11,5 sendo o valor a vermelho no 500 reis preto, e a preto nos restantes. Por proposta do Director da Casa da Moeda, Conselheiro Augusto José da Cunha, pela primeira vez se utilizou o mesmo cunho para todos os selos da série emitida, sendo a taxa obtida por segunda impressão. Seguiu-se assim o exemplo da Áustria nas suas emissões de 1883 1890/1902, e da França nas suas emissões de 1876/1900. Foram emitidos 225.745.000 selos de 2,5 reis cinzento, 161.318.400 selos de 5 reis laranja, 49.988.900 selos de 10 reis verde claro, 1.475.300 selos de 15 reis castanho, 13.891.300 selos de 20 reis violeta, 58.150.000 selos de 25 reis verde azulado, 11.290.000 selos de 50 reis azul, 3.936.000 selos de 75 reis rosa, 2.097.000 selos de 80 reis lilás, 6.090.000 selos de 100 reis azul escuro sobre azul, 412.000 selos de 150 reis castanho sobre creme, 2.840.000 selos de 200 reis violeta sobre rosa, 890.000 selos de 300 reis azul sobre rosa, e finalmente 618.000 selos de 500 reis preto sobre azul (uma pequena percentagem de selos desta última taxa foram picotados em denteado 12,5).



## Portugal

### 1890/1905 – D. Carlos I – novas cores e novos valores

A 5ª Convenção Postal Internacional reunida em Washington, de 5 a 15 de Junho de 1897, determinou novas cores para os selos correspondentes aos portes de jornais e amostras, fazendo com que os nossos selos de 15, 25 e 50 reis, passassem respectivamente às cores, verde, carmim, e azul. O selo de 75 reis passou a ser castanho sobre amarelo, para não se confundir com o de 25 reis, agora carmim. Por ter sido alterada a equivalência entre o franco-ouro e o mil-réis (desvalorização do mil-réis), houve necessidade de criar uma nova tabela de portes, e assim, emitir selos das taxas de 65 reis, 115 reis, 130 reis, e 180 reis. Utilizando o cunho da emissão anterior, foram tipografados na Casa da Moeda em papel levemente pontilhado em losangos, denteado 11,5, folhas de 28 e 150 selos. Foram emitidos 5.266.000 selos de 15 reis verde, 271.591.000 selos de 25 reis carmim, 11.876.000 selos de 50 reis azul oriental, 9.674.000 selos de 65 reis azul cinzento, 7.162.000 selos de 75 reis castanho sobre amarelo, 880.000 selos de 115 reis laranja sobre rosa, 3.664.000 selos de 130 reis castanho escuro sobre amarelo, e 680.000 selos de 180 reis ardósia sobre rosa.



## Portugal

### 1898 – Emissão comemorativa do 4º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia

A Sociedade de Geografia de Lisboa, lançou a ideia de comemorar o 4º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, e nomeada uma comissão para as comemorações, decidiu esta, fazer uma emissão de selos comemorativos, cuja venda ajudaria as despesas da comissão, que pretendia construir em Lisboa, um monumento a Vasco da Gama. Aberto concurso para os respectivos desenhos, concorreram 15 artistas que apresentaram 45 trabalhos, de entre os quais foram escolhidos os 8 reproduzidos nesta série. A gravação a talhe doce foi feita por Waterlow & Sons Ltd de Londres, que utilizou papel finamente pontilhado em losangos, com denteados de linha de 13,5 e 15,5. Circularam durante três meses (Abril a Junho), tendo-se vendido 11.820.971 selos, numa emissão que totalizava 28.900.000.

O selo de 2,5 reis verde azul, representa «A frota de Vasco da Gama, emoldurada por emblemas náuticos e geográficos» em desenho de Roque Gameiro, tendo a sua venda atingido 4.166.199 exemplares. O selo de 5 reis vermelho, representa «Vasco da Gama chega a Calcutá» em desenho de Manuel Pedro de Faria Luna, tendo a sua venda atingido 2.011.692 exemplares. O selo de 10 reis violeta, representa «Determinei de assim nos embarcarmos» em desenho de Silvestre Correia Belém, tendo a sua venda atingido 632.032 exemplares.



O selo de 25 reis verde amarelo, representa «Uma janela manuelina, a figura da História e, ao fundo, a frota» em desenho de João Vaz, tendo a sua venda atingido 4.258.145 exemplares. O selo de 50 reis azul escuro, representa «Uma janela manuelina deixando ver o galeão, com a legenda – Se mais mundo houvera lá chegara – em cima, dois medalhões com Vasco da Gama e Camões» em desenho de José Júlio Gonçalves Coelho, tendo a sua venda atingido 344.414 exemplares. O selo de 75 reis castanho, representa «O escudo de armas manuelino e a figura de S. Gabriel sobre o casco de um navio» em desenho de João Vaz, tendo a sua venda atingido 111.214 exemplares.



## Portugal

### 1898 – 4º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia

O selo de 100 reis castanho amarelo, representa «Varanda manuelina deixando ver a frota e tendo aos lados figuras sustentando escudos, um com a esfera armilar, outro com a Cruz de Cristo» em desenho de João Ribeiro Cristino da Silva, tendo a sua venda atingido 225.862 exemplares. O selo de 150 reis bistre, representa «O escudo português manuelino e por trás o vulto de Vasco da Gama, à esquerda uma figura de sereia sustentando um galeão, ao fundo paisagem indiana» em desenho de João Vaz, tendo a sua venda atingido 71.413 exemplares.



DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A ÍNDIA. Escolheu D. Manuel para o comando das quatro velas grossas que mandara aprestar com destino à Índia, Vasco da Gama. A armada era constituída pelas naus “S. Gabriel” do comando de Vasco da Gama tendo por piloto Pero de Alenquer, e “S. Rafael” do comando de Paulo da Gama (irmão de Vasco da Gama) tendo por piloto João Coimbra, pelas caravelas “Bérrio” do comando de Nicolau Coelho tendo por piloto Pedro Escobar, e “S. Miguel” do comando de Gonçalo Nunes (homem da casa dos Gamas), com mantimentos. No dia 7 de Julho de 1497, depois de completados os preparativos, os comandantes foram piedosamente velar a noite na Capela de N. S. do Restelo, sítio onde mais tarde se construiu o Convento dos Jerónimos em Belém. No dia 8, aí se celebrou missa a que assistiu o Rei, partindo depois a armada. A pequena frota, carregava além de armas, diversas mercadorias destinadas aos povos que iam conhecer. No dia 15 de Julho chegou a armada às Ilhas das Canárias, em 26 à Ilha do Sal em Cabo Verde, e a 27 á Ilha de Santiago. A 3 de Agosto separaram-se da armada de Bartolomeu Dias, que os acompanhara até então, e cujo destino era a “Mina”. A 4 de Novembro, fundearam na angra que chamaram Santa Helena. Levantaram ferro a 16, e avistaram a 19, o Cabo da Boa Esperança tendo tido três dias de luta para o passar, fundeando a 25 na Baía de S. Braz, onde colocaram o primeiro padrão de pedra. Viagem tormentosa e cheia de lutas com a natureza e com os nativos das terras onde arribaram! A 15 de Dezembro avistaram os Ilhéus Chãos, a 16 passaram pelo último padrão posto por Bartolomeu Dias próximo do Ria do Infante. A 14 de Janeiro de 1498 descobriram uma terra baixa em que entraram no dia 24 e a que deram o nome dos “bons sinais” (hoje Quelimane). A 2 de Março entrava a armada no canal de Moçambique, e daí se dirigiu para Melinde a 12 de Abril, depois de ter estado fundeada junto à Ilha de Mombaça. Chegaram a Melinde a 15 de Abril, onde estiveram ancorados e foram muito bem recebidos pelo Xeque, que lhes deu um fiel piloto que viria a conduzir a armada até Calcutá, onde fundearam a 24 de Maio, estando assim descoberto o caminho marítimo para a Índia, depois duma viagem de dez meses e meio. Iniciado o regresso a 29 de Agosto de 1498, o primeiro a chegar a Lisboa foi Nicolau Coelho, em 10 de Julho de 1499 trazendo a notícia tão ansiosamente esperada. Depois de ver morrer seu irmão Paulo, Vasco da Gama regressou a Lisboa a 29 de Agosto, terminando assim, a famosa viagem que durou vinte e seis meses.

## Portugal

### 1910 – D. Manuel II

Para substituir os selos de D. Carlos ainda em curso, mandou a Casa da Moeda em Outubro de 1908, as provas dos novos selos para aprovação régia. Eram sete os artistas concorrentes, na sua maioria estrangeiros, sendo escolhidos dois trabalhos do português Domingos Alves Rego, que os desenhou e gravou. Os valores de 2,5 a 80 reis foram impressos a uma cor sobre papel esmalte branco, os valores de 100 a 300 reis a uma cor sobre papel porcelana colorido, e os valores de 500 e 1000 reis a duas cores sobre papel esmalte branco. Tipografados na Casa da Moeda em folhas de 100 selos com denteado 15x14, foram emitidos 15.020.000 do 2,5 reis violeta, 19.122.000 do 5 reis preto, 9.000.000 do 10 reis verde, 1.500.000 do 15 reis castanho, 3.000.000 do 20 reis carmim, 35.000.000 do 25 reis castanho escuro, 3.750.000 do 50 reis azul, 450.000 do 75 reis bistré, 300.000 do 80 reis ardósia, 900.000 do 100 reis bistré s/ verde, 600.000 do 200 reis verde s/ salmão, 300.000 do 300 reis preto s/ azul, 140.000 do 500 reis sépia e castanho escuro, e 84.000 do 1000 reis azul e preto. Estes selos circularam até Março de 1913, juntamente com os selos com sobrecarga “REPUBLICA”.



## Portugal

1910 – D. Manuel II



D. MANUEL II. Rei de Portugal de 1908 a 1910, nasceu a 15 de Novembro de 1886, e era o segundo filho do Rei D. Carlos I e da Rainha D. Amélia de Bragança. Chamado à regência pela tragédia que o enlutou, roubando a vida a seu pai e a seu irmão mais velho, o príncipe D. Luiz Filipe, foi aclamado rei em 6 de Maio de 1908. O seu curto reinado foi marcado pela infelicidade que trouxe a Portugal não só a natureza, como a ostensividade dos adeptos republicanos aproveitando o desmembramento da unidade monárquica. A 3 de Outubro de 1910 rebentou a revolução republicana que terminou com a proclamação do novo regime, em 5 de Outubro. D. Manuel que se viu abandonado no palácio das necessidades, e assim, sem qualquer possibilidade de reagir, partiu para Mafra e daí para a Ericeira, embarcando com sua mãe e avó no late Amélia, onde seu tio D. Afonso já se encontrava. D. Manuel pensou ainda refugiar-se no Porto e tomar uma ofensiva contra a República, mas D. Amélia opôs-se e o iate partiu para Gibraltar. D. Manuel que fixou residência em Inglaterra onde casou com a princesa alemã D. Augusta Vitória neta de Leopoldo de Hohenzollern, mesmo de longe, seguia a política do seu país, tendo posto de sobreaviso o governo português, quando das ideias absorcionistas do então Rei de Espanha, Afonso XIII. Faleceu a 2 de Julho de 1932, tendo o seu corpo sido trazido para Portugal a bordo do cruzador inglês “Concord” repousando no Panteon Real em S. Vicente, conforme seu desejo.

